P O D C A S T

TERRITÓRIO VIVO

UM PAPO RETO COM QUEM CONECTA A ARTE E O CORRE



Episódio 06 - Jacarepaguá Corre

<<<<< sons de rua e burburinho de pessoas>>>>>

Samara Costa: Jacarepaguá… um nome forte que vem do tupi-guarani e significa 'enseada do lugar dos jacarés' ou "vale dos jacarés". Lembrança de um tempo em que a natureza cercava esse bairro.

<<<<< som de rodas de skate>>>>>

Hoje, a região faz parte da chamada Zona Sudoeste do Rio de Janeiro, um território que foi separado da Zona Oeste. Nessa área convivem histórias antigas, até controversas; comunidades muito presentes e ritmos próprios, que não cabem numa definição só.

É um território vivo, com muito contraste, onde a identidade vai sendo construída dia após dia. É nesse território, cheio de camadas, que a cultura brota. Da memória viva guardada pelos atores e atrizes da Casa Retiro dos Artistas à força que vem das ruas, dos becos e das vielas da Cidade de Deus.

Entre arte, esporte e a ocupação do espaço público, existe uma linha fina que atravessa tudo isso. E é ela que define os jeitos de criar e de circular a arte em Jacarepaguá.

O skate, por exemplo, não é só esporte. É um jeito de enxergar o mundo, um estilo de vida e também resistência. É disso que a gente vai falar nesse episódio: o corre de quem faz acontecer nos drops.

<<<<< som de skate dropando>>>>>

Eu sou Samara Costa e esse o Território Vivo, um podcast Firjan SESI. Vem com a gente nesse corre?

> **Denis Resende:** Eu tenho 1,78m, cabelo castanho, com alguns fiapos já brancos. Eu sou branco, mas minha pele geralmente está bronzeada, porque eu surfo. Tenho a sobrancelha bem preta, diferente da cor da minha barba, que é um pouco ruiva. Não sou gordo nem magro, acho que estou ali mais ou menos entre esses pesos. Tenho tatuagens, agora nem sei quantas eu tenho. Todas elas são pretas, não são coloridas, porque fica melhor na minha pele. E os desenhos são diversos da minha tatuagem, das minhas tatuagens.

Samara Costa: Quando a gente fala de territórios onde arte e vida se misturam de verdade, a Cidade de Deus não pede licença pra entrar na conversa. Ela já está!

CDD, abreviação de Cidade de Deus para os mais íntimos, nasceu da antiga Jacarepaguá. Lá, o corre não é tendência, é sobrevivência.

É na rua, no barulho do skate batendo no chão, no funk tocando no bar que a favela e a pista se encontram.



E é desse chão de contrastes que surge o CDD Skate e Arte. Não como projeto distante, mas como extensão do território de Jacarepaguá. Como quem entende que ocupar também é criar. Que coexistir também é um gesto político.

A voz que a gente escutou agora pouco se descrevendo é do Dennis. Ele mergulhou nessa trajetória lá em 2012, antes mesmo do CDD Skate e Arte se tornar o que conhecemos hoje.

Foi ali, entre manobras e amizades, que ele percebeu que andar de skate era mais que ocupar o território. Era criar linguagem. Era formar gente. Mas, muita coisa aconteceu antes.

> **Denis Resende:** O skate me levou, né? O skate te leva pra outras vertentes da cultura urbana. Então aqui na Freguesia também eu vi, nunca fiz rap, mas sempre gostei, então tive vários amigos ligados ao rap, então na época tinha eventos aqui, isso era até antes, 2008, 2006, eventos como o Danilo's Bar, que era um evento onde tinha batalhas de rima, shows de rap. E aqui na freguesia tinha um movimento que era o JPA, o clã, que era um movimento de artistas mais ligado ao grafite, ao rap, bandas de rap.

Eu e Denis trocamos essa ideia no Teatro Firjan SESI Jacarepaguá, que fica na Freguesia. Então, Jacarepaguá e Freguesia fazem parte da mesma região administrativa da cidade. São bairros distintos, mas territorialmente conectados. Lá nos anos 80, Jacarepaguá se desmembrou em 10 bairros. Freguesia é um deles. Hoje é um bairro de Jacarepaguá. Cidade de Deus também era um sub-bairro, mas se tornou um bairro oficial. Então, quando Dennis cita Freguesia em Jacarepaguá ele se refere a um mesmo contexto territorial. Agora sim podemos voltar.

De skatista do bairro, Dennis virou produtor na marra. Ele queria que mais eventos de skate e arte urbana circulassem na região. Então, ele e vários jovens se reuniam para promover eventos da galera com batalhas de rap, grafite e skate. Ele integrou grupos como o Universos Urbanos e Camarim das Artes.

> **Denis Resende:** Já gostava daquilo então não via nem como trabalho mas na real já era trabalho. E foi onde eu tive, dentro desse evento, que era Domingo do Conhecimento a minha primeira experiência de trabalhar com o coletivo de tomar decisões em grupo. Eu fui o idealizador da ideia, mas eu sozinho eu entendi que a sua ideia. E aí não adianta que você tenha que formar ali pessoas que acreditem ali. E ali o evento não era um evento individual, era uma causa dentro dessa perspectiva de querer fomentar a cultura. Então essa foi uma experiência bem legal, que depois eu fui desenvolvendo para ir para um lado mais profissional.

Samara Costa: Foi ali, entre gambiarras, erros e acertos, que Dennis teve sua primeira experiência direta com a produção cultural. Um aprendizado feito na prática. O evento movimentou o bairro e deixou marca: mais de 30 bandas no palco, cerca de 15 exposições e uma programação inteira voltada para a cultura urbana.

Além da música e das artes visuais, havia batalhas de rima, skate, shows e rodas de conversa. Esses espaços culturais foram decisivos na trajetória do Dennis. Ele aprendeu na prática, como a cultura também se constrói coletivamente. E não parou aí, não. A próxima missão foi empreender.

> **Denis Resende:** Tive uma loja de skate aqui no bairro, que o nome é Brooks. A loja durou mais ou menos de 2014 a 2017. E aí a loja, como já tinha essa pegada do evento, de conhecer a galera do rap, de conhecer a galera do grafite, do skate, então a loja também era meio que um ponto



cultural. Então eu trabalhava com essas vertentes, com lata de grafite, com skate. E aí eu já tinha essa pegada e comecei, além de vender, fazer parte dessa parte só comercial. A gente trabalhava com aulas de skate, comecei a trabalhar com as aulas dentro da loja, que a gente botou uma pista de skate aqui na Freguesia dentro da loja. Então a loja foi uma das pioneiras também. Virou uma loja querida aqui do bairro, onde a molecada, o foco era mais essa galera que estava se desenvolvendo como adolescente, conhecendo culturas.

Samara Costa: A loja não deu tão certo. No meio da frustração Dennis procurou conforto naquilo que ele mais gostava de fazer: andar de skate. E foi nessas andanças, em um dia normal com a namorada da época, que eles tiveram uma ideia:

Denis Resende: E aí fui lá umas duas vezes e aí depois a gente teve uma ideia de fazer uma movimentação ali na praça do skate, da CDD. Mas com o intuito de trazer melhoria ali para as crianças que não tinham skate. Porque quando a gente ia andar de skate lá, eles ficavam pedindo para andar, eles moravam lá em frente, mas usavam mais para ficar escorregando do que para andar de skate propriamente. Ela já era do grafite, então a gente falou, vamos fazer um evento para chamar a galera que a gente já conhece para trazer uma melhoria aqui. E essa era uma forma também de eu voltar a estar próximo do que eu já trabalhava, do que eu amava, que eu já estava fazendo isso durante um bom tempo da minha vida, como hobby, e depois como começou a se desenvolver como trabalho.

Samara Costa: O que antes era só umas voltinhas de skate na CDD se transformou em um propósito de vida. A primeira ação que eles fizeram na Cidade de Deus ganhou o nome de "Intervenção Cultural de Skate e Arte". E o nome não foi escolhido à toa.

Naquele momento, a palavra "intervenção" estava ligada à presença militar nas favelas do Rio, em especial na Cidade de Deus. Então, eles quiseram puxar esse termo pra outro lugar. Propor uma intervenção diferente: feita com skate, arte e encontro.

O evento aconteceu, a resposta foi imediata. Muita gente colou, a praça encheu, rolou troca, rolou movimento. A partir dali, um coletivo começou a se formar. Conseguiram skates, mobilizaram pessoas, criaram um ambiente vivo. Foi forte. Mas, como acontece em muitos processos periféricos, depois do impacto inicial, cada um precisou tocar seu próprio corre. O coletivo acabou se desfazendo aos poucos.

Denis Resende: Na CDD, eu não era cria de lá, não sou cria de lá. Quem eu fiz contato e que abriu lá as portas foi o MC Mingau, da CDD. Que é uma pessoa que é cria de lá, que é do movimento, que tem mais de 40 anos de movimento lá na CDD, na área cultural.

Foi essa conexão com Mc Mingau que deu base e legitimidade pro trabalho acontecer. E a partir desse encontro, junto com outras pessoas do território, nasce o CDD Skate e Arte. Um projeto construído com respeito, escuta e entendimento de que pra atuar dentro da favela, não basta chegar com ideia pronta. É preciso vínculo, escuta e reconhecimento de quem já estava ali muito antes.

Mas depois, um outro banho de água fria. A galera que colou com Denis foi se distanciando e priorizando outros trabalhos. E foi de mais uma frustração que ele teve outra ideia: Estudar produção cultural.

Denis Resende: E aí eu fui e me inscrevi. E aí foi um divisor de águas naquele momento, porque eu me inscrevi e me ajudou a ter uma noção mais profissional. Me formei, o curso, pô, fiquei



feliz que eu estava um tempão sem estudar também, sem entrar numa sala de aula. Então no curso foi uma oportunidade de voltar, sabe, a estudar, estava fazendo as coisas muito de forma instintiva. E aí o curso foi um divisor de águas para eu voltar para a CDD. Já no curso, eu voltei a atuar na CDD de uma forma sem sustentabilidade, só me movimentando, traçando as estratégias.

Samara Costa: Hoje, o CDD Skate e Arte funciona como um espaço de formação contínua. Além das aulas de skate, o projeto oferece atividades de capoeira, fotografia e artes visuais, aumentando o acesso à cultura e criando diferentes portas de entrada para crianças e jovens da Cidade de Deus.

O skate segue como eixo central! Atualmente, o projeto atende mais de 50 alunos e já revelou atletas que chegaram à elite do skate brasileiro, como o menino Carlos Andrei, vulgo Guerreirinho; e a menina Sininho. Crianças que começaram ali e avançaram para a alta performance.

Com o tempo, a iniciativa foi crescendo e se desdobrando. Alguns núcleos ganharam identidade própria: o Flagra, na fotografia; o Fusão, nas artes visuais; e o Cultive, na capoeira. O CDD Skate e Arte passou a funcionar como uma espécie de incubadora social, acolhendo projetos criados por outras pessoas e coletivos, nem sempre ligados diretamente à equipe original.

Denis Resende: Então, é incrível porque o projeto na CDD começou de forma genuína e estamos ainda se desenvolvendo, mas hoje a gente tem um CNPJ. Tem indicadores do projeto que a gente desenvolveu mostrando esse desenvolvimento tanto da alta performance quanto indicadores qualitativos. Onde a gente escuta ali da mãe falar que o filho melhorou na escola, que a bronquite que tinha melhorou por causa do exercício físico. E, fora o que a gente observa também pessoalmente, quando está ali há tantos anos e diretamente no território. É incrível, porque a gente percebe que todo ser humano pode se desenvolver. Ele precisa de estímulos e de ferramentas. E elas podem ser o esporte, a educação, novas possibilidades, entendeu?

Samara Costa: Com o tempo, Dennis também passou a perceber algo que ia além dos números ou das atividades em si. O crescimento não era só dos alunos, mas de todo mundo envolvido. A equipe que atua no projeto se desenvolve junto, aprende fazendo, testa ideias, erra, acerta. O espaço vira um laboratório vivo para quem quer criar, experimentar e tirar os projetos do papel.

É uma via de mão dupla. O que transforma as crianças e os jovens que participam, também transforma quem está ali trabalhando todos os dias. Um processo coletivo, onde o aprendizado acontece ao mesmo tempo no humano e no técnico.

Letícia Santos: Eu sou uma mulher negra de pele clara, cabelo cacheado, preto, na altura dos ombros, estou usando uma camisa branca, relógio rosa, duas pulseiras douradas, um anel dourado, brincos dourados…

Samara Costa: Aqui, o caminho do Dennis encontra outro tipo de corre. Não o da rua, do skate riscando o chão, mas o de quem trabalha para manter um espaço aberto, vivo e em funcionamento dentro de um território enorme como Jacarepaguá.

Se o Dennis fala de aprender fazendo, de ocupar a praça, de criar estrutura, Letícia Santos entra na história a partir de outro lugar: o da gestão cultural.

Letícia Santos: Eu sou coordenadora de cultura aqui da unidade de Jacarepaguá. Essa é uma



função relativamente nova. Antes não tinha coordenadores na área de cultura, então acho que isso significa uma evolução também do que esse produto vem construindo ao longo desses últimos anos, dentro de uma empresa tão grande como a Firjan e como o SESI.

Samara Costa: Ao assumir a função como gestora, ela precisou passar por um período de escuta. Foi necessário entender que teatro era aquele, que espaço era aquele e, principalmente, que território era aquele. Jacarepaguá não fazia muito parte do seu cotidiano até então, e esse primeiro momento foi de observação e reconhecimento.

Com o tempo, o encaixe aconteceu. Aos poucos, ela foi entendendo o público e também a equipe que já estava ali há muitos anos. Uma time que carrega a memória do espaço: sabe o que funciona, o que já deu certo, o que não deu. Foi a partir dessa escuta do território, do público e de quem sustenta o teatro no dia a dia, que Letícia foi entendendo como fazer seu corre de gestora. Aqui no Rio a gente chama isso de aprender o macete.

Letícia Santos: E nós somos o único teatro dessa região, então é um espaço que a gente tem uma estrutura incrível. Tem uma estrutura, um espaço que é um espaço grande, um espaço com equipamentos de ponta, um palco que é grande, que é bem estruturado. Então aqui é um espaço realmente não só para a população que queira consumir cultura, que queira consumir espetáculos e shows de qualidade, mas também para os próprios artistas da região, que a gente entendeu que tem muita gente boa aqui.

Samara Costa: Quando a gente olha pra estrutura cultural dentro dos territórios, dá pra perceber que não é só sobre palco. Também é sobre abrir espaço pra quem tá começando e também pra quem já tá no caminho.

Na Firjan SESI Jacarepaguá esse movimento aparece de forma bem prática. Projetos como "Grandes Homenagens", voltado pra tributos musicais, e o festival "Noite de Musicais" funcionam como porta de entrada pra artistas locais. Um formato simples, direto: inscrição aberta, curadoria e palco.

+E o mais interessante é que não tem uma linguagem só dominando.

Letícia Santos: Uma grande surpresa que o rock é uma grande coisa de Jacarepaguá. O rock, a gente teve o nosso primeiro show esgotado de um artista local. Foi um tributo ao Queen, foi uma loucura. Então, rock é uma grande coisa aqui em Jacarepaguá. Mas a MPB também, todo mundo ama.

Samara Costa: E essa transformação não acontece só com quem já se entende como artista. Ela começa antes disso. Nos cursos de teatro, por exemplo, o impacto é outro. Crianças, adolescentes, adultos e até uma turma sênior que já existe há mais de 10 anos. Gente que chega por diferentes motivos: socializar, se expressar melhor, perder a timidez, ocupar o tempo… e acaba descobrindo outras possibilidades.

Letícia Santos: Então, a gente vê que existe um fator de transformação social muito grande ali na turma sênior. As nossas turmas de teatro têm 25 pessoas, mais ou menos, a turma sênior tem 35. A gente teve que abrir uma segunda turma. Então, essa é uma questão social do Brasil, da gente ter uma população cada vez mais idosa e com vida, com possibilidades, com vida.

Samara Costa: Letícia é uma mulher sagaz e afinada com o território. E ela aprendeu a fazer o corre



desde cedo. Aprendeu com seus pais, sua comunidade, lá na baixada.

> **Letícia Santos:** Eu venho de uma família que sempre valorizou muito a cultura, apesar de não ter. Eu tenho um tio que é artista plástico, mas não tenho nenhum produtor. Eu falo que minha mãe é produtora, nata, mas ela nunca trabalhou com produção, ela é professora. Mas ela produz tudo. Um passeio já é uma produção, tudo dela é uma produção. E em casa eu sempre tive muitos livros à disposição, jornais à disposição, discos, CDs. Então sempre foi uma família que foi muito amante da cultura. Mas a gente morava na Baixada Fluminense, onde tinha um teatro municipal, mas que também não tinha uma programação ali muito viva. Apesar de termos intimidade, digamos assim, com a arte, a gente também não frequentava muito, porque não era tão perto assim para a gente frequentar.

Samara Costa: Hoje a movimentação artística em Caxias é viva. Tem muita gente boa mobilizando cultura por lá. Como Cesário, o pedreiro que virou ator. Se bateu a curiosidade pra conhecer essa e outras histórias de Caxias, escute nos episódios 1 e 2.

A Letícia trabalha em um teatro toda semana. E adivinha o que ela faz pra se distrair?

> **Letícia Santos:** Ah, enfim, vou no teatro Vou em show! Ah, é uma questão, é uma questão mesmo. Eu fiz uma promessa pra mim mesmo em 2023 eu só trabalhei. Então eu tava aqui todo final de semana, eu venho trabalhar todo final de semana e tudo mais. E aí, a minha promessa era de assistir peças em outros lugares e shows em outros lugares. Mas é isso, não tem jeito. Eu acho que a gente é muito privilegiada de trabalhar com cultura.

Samara Costa: Quando ela fala, eu entendo. Nossa história se cruza aí. Eu cresci em Bangu, na Zona Oeste do Rio. Um território potente, mas que não recebe o investimento que merece. Assim como Letícia, cresci dentro de um ambiente que estimulava a arte como forma de existir. Virei atriz. E, até hoje, o que eu faço pra me distrair é exatamente isso: assistir a uma peça, entrar numa sala escura e deixar que uma história me atravesse.

Jacarepaguá também faz parte da minha memória. Foi onde vivi meus primeiros anos. Voltar a esse território agora, tantos anos depois, pelo caminho da cultura, do trabalho, do encontro, tem algo de bonito e circular. Como se a vida desse voltas muito cuidadosas pra lembrar a gente de onde veio.

Talvez seja isso que ela quis dizer. Trabalhar com cultura cansa, ocupa, exige. Mas também devolve sentido. E, no fim, é impossível não se sentir privilegiada por fazer parte desse corre.

Samara Costa: E esse foi mais um corre contado a partir de Jacarepaguá! Se você quiser acompanhar os bastidores, ver de perto o trabalho e conhecer melhor o Denis e Letícia, é só seguir a gente no Instagram @firjansesicultura. A gente se encontra no próximo episódio, em outro lugar. Tchau!

Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e arte da Firjan SESI.
A realização é da Firjan SESI e a produção é da Gandaia.